


## ENTRE RISOS E AFETOS: MENINOS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA PARA CRIANÇAS, DESDE BEBÊS

*ONES AMONG LAUGHTER AND AFFECTION: BLACK BOYS IN CHILDREN'S LITERATURE WITH THEMES OF AFRICAN AND AFRO-BRAZILIAN CULTURE FOR CHILDREN FROM BABIES*

 <https://orcid.org/0000-0001-6798-7039> Cleidiane Colins Gomes<sup>A</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-2133-0028> Mariana Silva Souza<sup>B</sup>

<sup>A</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil

<sup>B</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil

**Recebido em:** 14 fev. 2023 | **Aceito em:** 17 jul. 2023

**Correspondência:** cleidianecollins@gmail.com

### Resumo

Educar para as relações étnico-raciais exige das/os professoras/es conhecimento acerca da temática racial, a fim de não cairmos em equívocos e reforços de estereótipos sobre a população negra e sua cultura. Com o advento da lei n. 10.639/03, uma literatura infantil que aborda a cultura africana e afro-brasileira vem surgindo paulatinamente visando contemplar crianças negras, mas ainda assim precisamos ficar atentas/os quanto a essa literatura. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo compreender como os meninos negros estão sendo representados na literatura para crianças, desde bebês. Para esse propósito, selecionamos dois livros que trazem meninos negros como personagens: “Akili está feliz”, de Kiusam de Oliveira e Rodrigo Andrade, e “O pequeno príncipe preto para pequenos”, de Rodrigo França e Juliana Barbosa Pereira. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e de natureza interpretativa. Para a análise, contamos com o aporte metodológico do Percorso Imagético Literário, de Mariana Silva Souza (2021). Tendo como referencial teórico: Debora Araujo (2018), Eliane Debus (2017), Maria Aparecida Bento (2012), Cintia Cardoso (2018), Renato Nogueira e Marcos Barreto (2018) e demais pesquisadoras/es que se debruçam sobre estudos das infâncias, literatura africana, afro-brasileira e relações étnico-raciais. A análise evidencia que as narrativas abordadas contribuem para a construção de crianças orgulhosas de seu pertencimento étnico-racial.

**Palavras-chave:** Educação infantil; Meninos negros; Literatura de temática africana e afro-brasileira; Ilustração; Infância.

### Abstract

Educating for ethnic-racial relations requires teachers to understand racial issues, so as not to fall into misunderstandings and reinforce stereotypes about black people and their culture. With the enactment of Law 10.639/03, a children's literature that addresses the theme of African and Afro-Brazilian culture has been gradually emerging in order to contemplate black children from an early age, but even so we need to be aware of this literature. The article aims to understand how black boys are being represented in literature



for children since babies. For that, we selected for analysis two books that feature black boys as characters: "Akili is happy", by Kiusam de Oliveira and Rodrigo Andrade and "The little black prince for little ones", by Rodrigo França and Juliana Barbosa Pereira. This is a bibliographic and interpretive research. For the analysis, we rely on the methodological contribution of the Literary Imagetic Path, by author 2 (2021). Having as a theoretical contribution: Debora Araujo (2018), Eliane Debus (2017), Maria Aparecida Bento (2012), Cintia Cardoso (2018), Renato Noguera and Marcos Barreto (2018), and other researchers who focus on studies of childhoods, African and Afro-Brazilian literature and ethnic-racial relations. The analysis shows that the addressed narratives contribute to the construction of children proud of their ethnic-racial belonging.

**Keywords:** Child education; Black boys; Literature with African and Afro-Brazilian themes; Infantilization.

## Introdução

Será que nas salas de aula da Educação Infantil todas as crianças estão sendo contempladas quando se trata de literatura para crianças, desde bebês? A literatura africana e afro-brasileira está presente nesse ambiente? É importante refletirmos sobre o repertório literário que é oferecido às crianças, considerando a diversidade étnico-racial e cultural existente no espaço escolar.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), no que se refere à diversidade, asseveram que as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem o reconhecimento, a valorização, o respeito à interação das crianças com as histórias e com as culturas africanas e afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação (BRASIL, 2009). Nessa perspectiva, as propostas pedagógicas precisam considerar as múltiplas infâncias e estarem alinhadas com suas especificidades nos contextos, espaços e tempos em que estão inseridas, a fim de se desenvolver plenamente e, assim, potencializar suas habilidades.

O artigo está subdividido em três seções. Na primeira, discorreremos sobre as singularidades e diversidades das infâncias. As pesquisadoras Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira (2012) afirmam que não é possível uma sociologia da infância brasileira que não considere a raça; tampouco uma sociologia que consiga responder questões tão complexas e multifacetadas no que diz respeito às infâncias, suas vivências e suas interações com o mundo, por meio de um livro, uma brincadeira ou brinquedo.

Na segunda seção, abordamos o Percurso Imagético Literário de personagens negras/os na literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira e fazemos uso do termo *infancialização*, cunhado por Renato Nogueira e Marcos Barreto (2018), como uma forma de afetar o mundo por meio da potência das crianças e a favor de toda forma de “re existência” ao esquecimento da infância.

Na terceira e última seção, realizamos a análise das obras que trazem como protagonistas meninos negros desde bebês. A análise das imagens foi realizada com o aporte metodológico do Percurso Imagético Literário, de Mariana Silva Souza (2021). Para a investigação das obras, foram considerados os seguintes aspectos: procedimentos artísticos da criação de imagens, diálogo entre linguagens verbal e visual e reflexões sobre relações raciais.

Para tanto, apoiamo-nos teoricamente em pesquisadoras/es que se debruçam sobre a temática da cultura africana e afro-brasileira, termo cunhado pela pesquisadora Eliane Debus (2017), das infâncias e relações étnico-raciais que nos ajudam a trazer perspectivas e narrativas outras para pensar a(s) infância(s).

### ***Singularidades e diversidade da(s) infância(s): descobrir, explorar, ampliar por intermédio da literatura***

A literatura é uma das formas de expressões artísticas essenciais no processo de aprendizagem, leitura e escrita, não só, mas também permite conhecer o universo pluriétnico e multicultural existente. De acordo com a pesquisadora Cristina Trindad (2012), uma criança se desenvolve e produz cultura a partir das oportunidades e das experiências vivenciadas.

Nesse sentido, precisamos ofertar repertórios positivos, oferecer-lhes condições mínimas de aprendizagem e mobilizar recursos subjetivos, isso inclui o respeito às diferenças étnico-raciais, culturais, religiosas e de gênero. As crianças são potências, desde bebês já passam a desenvolver sua autonomia por meio da brincadeira de faz-de-conta, ou qualquer artefato cultural que mobiliza suas forças criativas, como bem pontua Debora Cunha (2016). Todavia, Fabiana Oliveira disserta que:

A cultura que constitui as instituições escolares ainda permanece fechada às diferenças, no entanto, se faz urgente repensar este modelo de socialização que desconsidera os sujeitos, essas infâncias em nome de uma suposta civilidade e universalização que gera uma “inclusão excludente” das crianças que estão fora dos ditos padrões estabelecidos. (OLIVEIRA, 2016, p. 143).

Nesse contexto, entendemos a literatura de temática africana e afro-brasileira como um dos caminhos possíveis para o fortalecimento da identidade racial de crianças negras,

desde bebês. A atuação da escola, e por extensão da literatura, passou a exercer extrema influência na formação da criança, e abordar essa diversidade étnico-racial e cultural requer políticas que priorizem a aquisição desses materiais, processos formativos e professoras/es empenhadas/os e dispostas/os a trabalhar uma prática pedagógica inclusiva e comprometida com uma educação de qualidade. Por isso, todo o seu conteúdo, inclusive as imagens que compõem o escopo do livro, precisa de especial atenção para uma série de critérios, quando diz respeito aos bebês e crianças negras na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira.

Haja vista que a introdução da literatura infantil, desde bebês, como linguagem simbólica e artística, ganha destaque nos primeiros anos de vida dos bebês, promovendo vínculos entre pensamento, emoções, sentimentos e entre a linguagem e o mundo, para Ninfa Parreiras (2012) quanto mais cedo a criança se aproxima do universo cultural proporcionado pela literatura, essa familiaridade trará segurança a si própria além da capacidade de imaginação, criação de fantasias e compreensão da realidade.

A partir da lei 10.639/03, a literatura infantil ampliou seus enfoques para contemplar a temática racial. Segundo Débora de Araujo e Paulo Vinicius da Silva (2012), de silêncio e invisibilidade, passamos a contar com relativo aumento da presença de personagens negras frente a uma branquidade imperante e a normas estéticas arianas. Branquidade que opera nas instituições educacionais, como revela a pesquisa de Cintia Cardoso (2018), intitulada “Branquitude na educação infantil”, em que todos os aspectos do currículo à organização do espaço pedagógico apontam para uma cultura eurocêntrica, uma estética branca, e para uma infância única e universal. Havendo, assim, uma sub-representação de referências para a(s) infância(s) que fogem do padrão estabelecido/imposto.

As situações de racismo e discriminação, apontadas nas pesquisas de Lucimar Rosa Dias, Eliane Cavalleiro e Fabiana Oliveira, no espaço de Educação Infantil revelam, segundo Cristina Teodoro (2020), que este ambiente é estruturalmente racializado e que não tem cumprido seu papel estabelecido por lei: a oferta de educação de qualidade e de condições igualitárias a todas as crianças. A autora disserta que essas pesquisas denunciam que, desde muito cedo, elementos da identidade racial emergem na vida das crianças, e diferentes autoras/es afirmam que, entre 3 e 5 anos, a criança já percebe a diferença racial e, ao percebê-la, interpreta e hierarquiza crianças.

A partir do exposto pela autora supracitada, acreditamos que nessa faixa etária há uma necessidade e atenção especial quanto à literatura que é apresentada, principalmente no que diz respeito ao pertencimento étnico-racial de crianças negras. Sabemos que as ilustrações evidenciam o mundo criado no qual a história se passa, bem como define a estética das personagens. Para as narrativas com protagonistas negras, a ilustração apresenta finalidade relevante, pois pode possibilitar experiências estéticas positivas com a imagem de crianças negras, que por muito tempo foram representadas de forma racista na literatura infantil.

De acordo com Débora Araujo (2018), o histórico das personagens negras nos livros para crianças passou por determinadas fases. A primeira delas pode ser denominada como fase de *invisibilização*. Antes dos anos 1920, negros e negras praticamente não integravam as histórias, porém quando apareciam estavam relacionados a um contexto de servidão. Para a autora, após a década de 20 começa a fase *lobatiana*, caracterizada por personagens negras próximas das representações de Barnabé e Nastácia do “Sítio do Picapau Amarelo”, de Monteiro Lobato. Trata-se de duas personagens que reforçam ideias próximas da escravização, pois ambas são pessoas que oferecem aos brancos e brancas serviços desvalorizados socialmente. Nessa fase as mulheres eram representadas com frequência associadas ao trabalho doméstico, vestindo avental e lenço na cabeça (ARAÚJO, 2018).

Entre 1975 e 1989, acontece a fase *realista*, marcada pelas ideias vigentes de retratar a realidade e a verdade sobre os profundos problemas sociais existentes no Brasil. Para as personagens negras, esse período simbolizou o reforço de noções de subalternização, uma vez que adolescentes e crianças negras eram, com frequência, situadas em histórias nas quais sofriam, estavam desamparadas, pobres, os meninos criminosos e as meninas hipersexualizadas (ARAÚJO, 2018).

Por volta de 1990, a fase das *ambiguidades e oscilações de qualidade* começa. Em tal circunstância, o protagonismo das personagens negras e o destaque para a negritude destas poderia revelar um avanço, porém as narrativas acabavam por reforçar ideias sobre democracia racial ou exotização da estética negra (ARAÚJO, 2018).

Ademais, vale ressaltar que, segundo Débora Araujo, Geane Damasceno e Regina Godinho (2021), as especificidades de meninos negros não são consideradas prioridades nos estudos sobre literatura infantil. As autoras enfatizam que ocorreram avanços nas representações, já que, em obras literárias dos últimos anos, os meninos negros são inventivos e possuem vínculos afetivos com familiares e amigos. Embora tais características afastem

estereótipos, os livros que revelam meninos negros de modo positivo são produções pontuais. Para as pesquisadoras, essa lacuna reverbera na academia, uma vez que o investimento em estudos sobre a masculinidade negra na literatura infantil é ínfimo.

Assim, nosso objetivo é compreender como os meninos negros são representados na literatura de temática da cultura afro-brasileira e africana para crianças, desde bebês. Para tanto, realizamos a análise de dois livros que trazem meninos negros como personagens, intitulados: “Akili está feliz”, de Kiusam de Oliveira, com ilustrações de Rodrigo Andrade, e “O pequeno príncipe preto para pequenos”, de Rodrigo França e ilustrações de Juliana Barbosa Pereira.

### **Percorso Imagético Literário na literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira**

Para a análise das obras literárias, faremos uso da *infancialização*. Tal conceito foi cunhado por Renato Noguera e Marcos Barreto (2018). Trata-se de observar, com sensibilidade, a infância e identificar nela possibilidades de reinvenção dos modos de viver. Manter, de determinada forma, a infância nas vivências de adulto, como também não deixar escapar a essência dela. Compreendemos que se trata de perceber a infância para além de uma fase da vida, mas considerar sua dimensão filosófica.

Débora Cristina de Araujo e Luís Thiago Freire Dantas (2020) utilizaram a expressão “cultivo da infância”, em estudo sobre os livros de literatura infantil “O caderno de rimas do João” e “O caderno sem rimas da Maria”, escritos por Lázaro Ramos e ilustrados por Maurício Negro. Nesse estudo, o autor e a autora acionaram o conceito de *infancialização* para análise das obras literárias. Demonstraram que Maria e João, protagonistas das histórias, ressignificam palavras e sentidos, concedendo maior significado à existência deles. A ludicidade e a poesia integram o cenário de ambas as narrativas.

Araujo e Dantas (2020) ressaltam o labor do autor Lázaro Ramos, que mesmo adulto criou histórias capazes de transmitir encantamento e possibilitar um protagonismo infantil intenso e humanizado. “O caderno de rimas de João”, por exemplo, revela profundamente a subjetividade do protagonista e o modo como o pequeno observa a realidade que o cerca, os valores, a cultura e as pessoas com quem se relaciona. Isso foi possível, pois o autor Lázaro Ramos permitiu-se à experiência de reconciliação com a própria infância, e o cultivo dela reverberou em suas produções literárias.

Nossa intenção neste estudo será elaborar uma análise fundamentada no cultivo da infância. Assim, buscaremos refletir sobre as histórias de Akili e do pequeno príncipe preto para pequenos, de modo a entrelaçar nossas percepções com a reinvenção das possibilidades. A proposta é contribuir para ampliar a visibilidade e multiplicar cenários sensíveis para pequenos e pequeninhos pretos na literatura infantil.

A análise das imagens será realizada com o aporte metodológico do Percurso Imagético Literário. Para Souza (2021), as ilustrações na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira podem ser analisadas quando são considerados os seguintes aspectos: procedimentos artísticos da criação de imagens; diálogo entre linguagens verbal e visual; e reflexões sobre relações raciais. O quadro 1 sintetiza as categorias e elementos designados para auxílio do estudo das ilustrações.

**Quadro 1 – Categorias análise de ilustrações personagens negras**

<b>Percurso Imagético Literário</b>
<b>Caracterização e contexto:</b> Esta categoria contempla a observação das características estéticas das personagens negras, como feições, cor da pele e cabelo. Além disso, destaca a percepção direcionada aos contextos nos quais as personagens são apresentadas, com a verificação dos papéis sociais que desempenham e seus comportamentos. Para tanto, é necessário analisar o uso das cores, formas, texturas, dimensões, composições, intertextos e representações das imagens.
<b>Relação linguagens verbal e visual:</b> Compreender o modo como textos verbais e visuais produzem sentido. Em determinados casos, sondar o projeto gráfico editorial.
<b>Representatividade:</b> Considerar discussões acerca das relações raciais na literatura infantil. Analisar se as personagens reforçam estereótipos ou demonstram avanços nas representações. Em tal categoria, deve ser enfatizado o histórico de retratos estigmatizados de pessoas negras na literatura infantil.

Fonte: SOUZA, 2021

### **Akili, quando sorri, faz seu corpo todo florir. Com o pequeno príncipe preto, acontece do mesmo jeito**

A obra literária “Akili está feliz” foi publicada em 2022 pela editora Melhoramentos. Escrito por Kiusam de Oliveira e ilustrada por Rodrigo Andrade, o livro é direcionado às crianças, desde bebês. É possível inferir que as dimensões escolhidas para o livro contribuam para esse propósito, já que, em sua materialidade, apresenta 15 cm de altura e 15 de largura, tamanho propício para o acesso de crianças de 0 a 3 anos.

A obra literária apresenta como principais características a valorização da estética e a do bem-estar do protagonista Akili, um menino criativo, curioso e alegre. Na Figura 1, pode-se observar o pequeno, que caminha alegremente enquanto bate palmas. A estética do menino é revelada de forma cuidadosa e detalhada. Os cabelos crespos possuem aspecto macio e belo, a cabeça está erguida, o sorriso convence o espectador e a espectadora de que a criança representada está contente. O caminhar de Akili e as suas palmas são figurativizadas por estrelas cujas cores múltiplas transmitem energia e festividade.

O texto verbal afirma que o protagonista leva luz por onde passa. Essa informação também é revelada pela ilustração, que exibe o pequeno saltitando e levando luz ao berçário. Sobre as relações raciais, o ato de movimentar o corpo pelo espaço sugere liberdade e bem-estar. O racismo na infância provoca diversos danos psíquicos os quais provocam malefícios também aos corpos das crianças negras.

De acordo com o Núcleo Ciência pela Infância (NCPI), no documento “Racismo, Educação infantil e desenvolvimento da Primeira Infância” (COMITÊ CIENTÍFICO, 2021), o racismo impacta a vida de crianças negras nas questões de autoestima, pois ocasiona a rejeição da própria imagem, como também problemas de socialização e estresse tóxico. Tais prejuízos causam tensões e males que afetam negativamente o corpo. No cenário da história de Akili, a imagem do menino, em seus divertimentos permeados por conforto, propõe um contexto diferente para o menino negro na literatura infantil, refletindo uma vivência leve e respeitosa na qual seu corpo encontra acolhimento e liberdade.

**Figura 1** – Ilustração da obra literária “Akili está feliz”



**Fonte:** OLIVEIRA; ANDRADE, 2022



A Figura 2 apresenta um retrato de Akili repousando no colo da professora dele, uma mulher branca, que acaricia os cabelos do menino. O protagonista apoia a cabeça nas próprias mãos para adormecer, uma cena repleta de cuidado e afeto.

Sobre as cores presentes na composição, o amarelo e o roxo acrescentam um contraste atenuado pelo azul da roupa da professora que adicionam sentidos de tranquilidade ao quadro representado. As cores suaves elaboradas em um desenho feito com a técnica de aquarela<sup>1</sup> sugerem harmonia e paz. Diversos detalhes podem ser verificados, como a fralda branca com leves pinceladas de aquarela e a pele negra com acabamento uniforme. Tais aspectos expressam que a ilustração foi criada de modo a demonstrar a beleza do menino e o cuidado que lhe é concedido. Além disso, o sol e as nuvens apresentam olhos e sorrisos, enfatizando um caráter lúdico.

O ato de a professora tocar o cabelo de Akili trata-se de uma cena singular por duas razões. A autora Eliane Cavalleiro (2003) demonstrou em sua pesquisa que professoras exerciam atitudes de desvalorização sistemática das características estéticas de crianças negras. Muitas dessas violências sofridas pelas crianças, no ambiente da escola, relacionam-se ao cabelo. Em distintas situações, crianças foram humilhadas, visto que as professoras declararam, diante de toda turma, que os cabelos crespos eram muito armados, deveriam ficar presos e demonstravam desleixo.

Além disso, Cavalleiro (2003) explicita que o afeto das educadoras com as crianças brancas era amplo, demonstrado em beijos, abraços e olhares. Entretanto, com as crianças negras havia distância e aspereza no tratamento: “O contato físico é mais escasso na relação professor/aluno negro. Ao se aproximarem das crianças negras, as professoras mantêm, geralmente, uma distância que inviabiliza o contato físico” (CAVALLEIRO, 2003, p. 73). Essa é uma das razões dessa ilustração ser tão potente e necessária, pois constitui um horizonte diferente do que ocorre em muitas escolas e reforça que os meninos negros são dignos de carinho e acolhimento.

O segundo motivo está relacionado à realidade do racismo na sociedade, para além da escola. Em 2020, ocorreu, no Brasil, a morte de um menino negro chamado Miguel. A mãe do pequeno, Mirtes Renata Souza, era empregada doméstica na residência de um casal branco, localizada em um bairro nobre de Recife, Pernambuco. Mirtes precisou levar seu filho de 5 anos para acompanhá-la no trabalho, visto que as escolas estavam fechadas devido à

<sup>1</sup> Segundo Gabriela Regina Soncini (2019, p. 145), aquarela é uma “tinta usada diluída em água que traz um movimento de fluidez e delicadeza para os desenhos.”

pandemia de Covid-19<sup>2</sup>. Em um momento, a mãe de Miguel se ausenta do apartamento, e o filho vai até o elevador na tentativa de ir ao encontro de Mirtes. Quando o menino entrou no elevador, a mulher para quem Mirtes trabalhava, Sari Corte Real, apertou o número de um andar específico e o deixou sozinho. Infelizmente, o menino acaba se perdendo e cai da altura de 35 metros.

Esse caso tão trágico e desolador expõe a negligência e a desumanização que uma pessoa branca demonstrou para com um menino negro, que teve seus cuidados e proteção negados. É urgente uma mudança nas percepções e conceitos que a sociedade tem acerca dos meninos negros. Tal transformação pode ocorrer também por meio das representações positivas desses pequenos, com imagens e narrativas que humanizam, resgatam e reivindicam o lugar da proteção, do cuidado e do amor para esses meninos. A ilustração de Akili recebendo carinho da professora é uma imagem afirmativa, já que constrói um universo, na história, que precisa existir na realidade, e retrata uma possibilidade de existência permeada por sensibilidade e ternura.

**Figura 2** - Página dupla do livro “Akili está feliz”



**Fonte:** OLIVEIRA; ANDRADE, 2022

Acerca do diálogo entre textos verbais e visuais, as duas linguagens reiteram a mensagem uma da outra, culminando em uma relação de redundância. Segundo Sophie Van der Linden (2011), o par visual-verbal, na literatura infantil, pode exercer uma relação de redundância quando ambos os códigos evidenciam uma mesma ideia. Ademais, é possível que um dos dois conteúdos suplante o outro e desenvolva sua própria singularidade.

<sup>2</sup> A pandemia de Covid-19 começou em 2020, em escala global, ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2. Uma das medidas de prevenção para a diminuição das infecções foi o distanciamento social, que se apresentava nas recomendações, do Ministério da Saúde, para que as pessoas permanecessem em suas respectivas casas, bem como evitassem aglomerações.

A Figura 3 exibe a folha de rosto do livro. Pode-se observar que as figuras de bolhas de sabão foram escolhidas para constituir grande parte da narrativa visual da história, visto que aparecem de distintos modos, sendo encontradas na capa, na folha de rosto e ao longo das páginas da obra literária. Com colorido vibrante, essas figuras podem ser interpretadas como uma metáfora sobre alegria e vida leve, simbolizadas na leveza e frescor das bolhas de sabão.

**Figura 3** - Folha de rosto do livro “Akili está feliz”



**Fonte:** OLIVEIRA; ANDRADE, 2022

Portanto, a história do menino Akili cria um universo repleto de poesia e contentamento, construindo para os pequenos e pequeninhos negros uma referência bela e respeitosa. Entre palavras e imagens, a narrativa aponta horizontes possíveis e necessários para que as infâncias negras sejam vividas de forma plena.

O livro “O pequeno príncipe preto para pequenos”, publicado pela editora Nova Fronteira em 2021, foi escrito por Rodrigo França e ilustrado por Juliana Barbosa Pereira. Tal história havia sido publicada anteriormente pelo mesmo autor e autora com o título “O pequeno príncipe preto”. Posteriormente foi realizada a adaptação do livro para o público infantil formado por crianças bem pequenas.

A narrativa é composta por um intertexto com a obra “O pequeno príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry. Segundo Tania Franco Carvalhal (2006), a intertextualidade é utilizada em produções que fazem alusão a outras e permitem que um texto suscite a memória de outro já conhecido.

Começaremos a análise desses livros com uma ilustração que não apresenta um menino negro, porém será importante para os sentidos construídos acerca de crianças de pele

escura. A Figura 4 expõe parte da narrativa cuja finalidade é descrever a estética do menino. O texto verbal afirma: “O pequeno príncipe preto é da cor da terra molhada, cor de chocolate. Cor de café quentinho, se encante ao dar uma olhada.” (FRANÇA, 2021, p. 7). Esse trecho traz associações positivas à cor preta, configurando um avanço na representação de meninos negros na literatura infantil.

Em determinados contextos, é recorrente a utilização de metáforas que associam a cor preta à sujeira, maldade e caráter corrompido. Tais noções relacionam-se ao racismo científico. Em 1780, Caspar Lavater sistematizou uma teoria cuja finalidade era demonstrar os atributos intelectuais e morais pela fisionomia dos indivíduos. Tal método, denominado “fisiognomonia”, alcançou grande visibilidade. Segundo Renato da Silveira (2000, p. 102):

Com a sucessão das obras de Lavater, todos os povos do vasto mundo começaram a ser enquadrados pela doutrina fisiognomonista, pretendendo-se estabelecer o caráter de cada qual pelo exame de traços faciais individuais e logo também pela cor da pele, considerada reveladora da alma. A pele escura, previsivelmente, era tida pela fisiognomonia como signo de uma alma pervertida, enquanto a pele clara conotava um caráter nobre.

Essas ideias permanecem no imaginário de muitos indivíduos, bem como são enfatizadas de modo recorrente em linguagens visuais e verbais. A ilustração dos lápis, juntamente com o texto que associa a cor preta a sentidos positivos, incita a ressignificação e a criação de representatividade positiva, ao valorizar a beleza da pele escura e sua capacidade de encantar.

**Figura 4** - Ilustração do livro “O pequeno príncipe preto para pequenos”



**Fonte:** FRANÇA; PEREIRA (2021)

Também vale ressaltar que trechos do texto verbal e palavras como “afeto” e “rei” foram realçadas em diversas páginas do livro, formando um todo com a ilustração. Exemplo disso pode ser verificado na Figura 5, uma vez que a frase “eu amo meu cabelo” chama a atenção para uma informação relevante na trama: o amor do menino por seu cabelo.

Acerca da caracterização, a imagem do menino enfoca seu rosto que aparece em destaque na composição, convidando as crianças para observá-lo bem de perto e conferir seus detalhes. A expressão facial comunica tranquilidade, o menino sorri e olha para o alto calmamente. O fundo da ilustração foi confeccionado com um laranja fosco cujo aspecto confere sensação de aconchego à cena.

No tocante às relações raciais, o retrato do pequeno príncipe preto confiante e empoderado por ter os cabelos crespos compõe uma representação afirmativa que pode contribuir com a autoestima de meninos negros. A autora Kátia Karoline Ferreira Silva (2022) realizou pesquisa sobre as representações sociais de crianças sobre corpo negro e cabelo crespo. Nesse estudo, realizou intervenções com crianças de 5 e 6 anos de idade, trabalhando com mediação de leitura de livros com protagonistas negras. Silva (2022, p. 109) constata que “para as meninas as histórias e as representações com relação aos cabelos crespos foram relatadas de forma positiva e causavam nelas uma conexão maior com as histórias.” A pesquisadora explica que as narrativas que valorizam o cabelo crespo possibilitaram a afirmação identitária de meninas negras, que demonstraram contentamento com a própria aparência.

Tais experiências apresentam um panorama que reforça a importância da literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, já que auxilia na autopercepção adequada de crianças negras sobre suas características. E a questão do cabelo impacta principalmente as meninas, como expôs Silva (2022). É essencial que as narrativas com protagonistas masculinos possam exibir imagens como essa de Juliana Barbosa Pereira, concedendo aos meninos negros imagens cativantes e capazes de fortalecer seus pertencimentos raciais.

**Figura 5** - Página dupla de “O pequeno príncipe preto para pequenos”



**Fonte:** FRANÇA; PEREIRA (2021)

Assim, o livro “O pequeno príncipe preto para pequenos” enfatiza uma visão empoderadora do menino negro, pois o protagonista é uma criança confiante e inteligente, que conhece seu próprio valor. As ilustrações e textos verbais reforçam de maneira positiva a negritude e relacionam-se de modo imbricado.

### **Considerações finais**

O que almejamos com essas poucas linhas que compõem esse texto é que educadoras e educadores busquem referências positivas, narrativas que condizem e culminam para o fortalecimento e o pertencimento étnico-racial de crianças negras, desde bebês. Haja vista que é um desafio enfrentado por negras/os brasileiras/os construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina às/aos negras/os, desde muito cedo, que para serem aceitas/os é preciso negar-se a si mesmo (GOMES, 2002).

Nesse sentido, apresentar repertórios literários que buscam descolonizar currículos e práticas pedagógicas é oportunizar as infâncias, sejam elas negras e não negras, a experienciar de modo a afetar pequenos e pequeninhos positivamente. Uma experiência que passa, toca e acontece, como afirma Larrosa (2002), para cada qual, única e singular, está, portanto, no campo das subjetividades, ao entender que vemos, sentimos e experienciamos de modos distintos.

Além disso, aspectos pontuais trazidos nessas obras revelam uma realidade pouco presente: o cuidado e afeto direcionados aos meninos negros. Ações de afetividade mútua só é possível quando tiramos essas crianças negras da margem, quando elas são nutridas de cuidado e afeto e acolhidas em suas singularidades, assim como o bebê Akili, que fica todo contente ao receber carinho e quando se vê na parede da sala de aula, e como o pequeno

príncipe preto por amar os seus cabelos, amar sua cor e, assim, ser capaz de espalhar afeto para o mundo.

Ao trazermos a metodologia do Percurso Imagético Literário, buscamos auxiliar profissionais da educação no processo de seleção dessas obras, para que estas possam trazer os requisitos mínimos que uma literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira exige. As pesquisas indicam que as crianças negras já internalizaram uma concepção negativa do seu pertencimento racial, e as instituições, por sua vez, reforçam-no quando não estão preparadas para lidar com essa questão, ou fazem isso de forma estereotipada quando buscam trabalhar a temática em datas comemorativas, como dia 20 de novembro. Sendo este despreparo um campo fértil para que o racismo se perpetue (BENTO, 2012).

Assim, entendemos essa literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira como um dos meios possíveis para trabalhar uma educação para as relações étnico-raciais, desde a creche, promovendo relações mais saudáveis e reconhecimento das histórias e identidades dos/das educandos/as negros/as a fim de contribuir com uma educação antirracista, garantindo também o direito a uma educação de qualidade a todas as infâncias.

## Referências

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida S. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. p. 47-64.

ARAUJO, Débora. Caminhos trilhados pelas personagens negras na literatura infantil brasileira: percalços e percursos. **Literafro**. 13 Jul. 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1082-debora-oyayomi-araujo-caminhos-trilhados-pelas-personagens-negras-na-literatura-infantil-brasileira-percalcos-e-percursos>. Acesso em: 08 jan. 2023.

ARAUJO, Débora Cristina de; DAMASCENO, Geane. Teodoro.; ALCÂNTARA, Regina Godinho. de. Meninos negros na literatura infantil e juvenil: corpos ausentes. **REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS**, [S. l.], v. 2, n. 25, p. 284-310, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4732>. Acesso em: 8 jan. 2023.

ARAUJO, Débora Cristina de; DANTAS, Luís Thiago Freire. “Pra entender o erê tem que tá moleque”: as infâncias de João e Maria em Lázaro Ramos. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 21, n. 37, p. 194-211, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/2471>. Acesso em: 15 jan. 2023

ARAUJO, Débora Cristina; SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Diversidade étnico-racial e a produção literária infantil: análise de resultados. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação Infantil e igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. 1. ed. São Paulo: CEERT, 2012. p. 194-220.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil /Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2009.

BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

CARDOSO, Cintia. **Branquitude na educação infantil: um estudo sobre a educação das relações étnico-raciais em uma unidade educativa do município de Florianópolis**, 178 f. (Dissertação - Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/58134>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CARVALHAL, Tania Franco. Intertextualidade: a migração de um conceito. **Via Atlântica**, [S. l.], n. 9, p. 125-136, 2006. DOI: 10.11606/va.v0i9.50046. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50046>. Acesso em: 12 jan. 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo; Editora Contexto, 2003.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. Racismo, educação infantil e desenvolvimento da primeira infância. São Paulo, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2021. Disponível em: <https://ncpi.org.br/publicacoes/wp7-racismo/>. Acesso em: 01 jan. 2023.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural** / DéboraAlfaia da Cunha. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto para pequenos**. Rio de Janeiro; Nova fronteira, 2021.

GOMES, Nilma, Lino. Educação, identidade negra. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2002.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo, Brasil, jan-abr, 2002.



LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. **Childhood & philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-644, set.-dez. 2018. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/36200/26377>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo do som à literatura**: Livros para bebês e crianças/Ninfa Parreiras. Belo Horizonte: RHJ, 2012. 240 p.

SILVA, Kátia Karoline Ferreira. **Representações sociais de crianças sobre corpo negro e cabelo crespo**: relações étnico-raciais na Educação Infantil. Orientadora: Sandra Haydée Petit. 2022. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/65800>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 23, 2000. DOI: 10.9771/aa.v0i23.20980. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20980>. Acesso em: 13 jan. 2023.

SONCINI, Gabriela Regina. Conto maravilhoso, fábula e aquarela: a obra de Beatrix Potter e a diversidade no olhar para a literatura infantil. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 18, n. 29, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/40611>. Acesso em: 13 jan. 2023.

SOUZA, Mariana Silva. **O Percurso Imagético Literário**: um olhar para as ilustrações na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira. 121 f. Dissertação – Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/75888>. Acesso em: 08 jan. 2023.

OLIVEIRA, Fabiana. A infância, as crianças e a educação infantil: reflexões acerca da questão étnico-racial. **Crítica Educativa** (Sorocaba/SP), v. 2, n. 2, p. 136-149, jul./dez.2016

OLIVEIRA, Kiusam de. **Akili está feliz**. São Paulo; Melhoramentos, 2022.

TEODORO, Cristina. A constituição de corpos negros em espaços de educação infantil: o lugar da identidade e do pertencimento étnico-racial. **revista da associação brasileira de pesquisadores/as negros/as (abpn)**, [S. l.], v. 12, n. 33, p. 110-133, ago. 2020.

TRINDAD, Cristina Teodoro de. Diversidade étnico racial: por uma prática pedagógica na educação infantil *In*: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação Infantil e igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. 1. ed. São Paulo: CEERT, 2012. p. 194-220.